

TRABALHO DE SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

A sociologia da Educação, extraídas em sala de aula, com a leitura do texto: “uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola” da professora da USP, Marília Pontes Sposito, da Revista USP, SP, pag. 211 de Março de 2003.

Concluimos com a citação de Bourdieu, (1975, p. 295). “A sociologia da educação configura seu objetivo particular quando se constitui como ciência das relações entre a reprodução social, ou seja: no momento em que se esforça por estabelecer a contribuição que o sistema de ensino oferece com vistas à reprodução da estrutura das relações de força e das relações simbólicas entre as classes”. Segundo Marília Sposito, no mesmo texto (p.215). “Ao examinarmos esse aparente paradoxo contido na junção do “não escolar” com a escola, é preciso considerar uma distinção importante entre a categoria analítica – escola – e a unidade empírica – escola objeto de investigação. A relevância analítica da instituição escolar não implica necessariamente o seu estudo sociológico da escola. O segundo reside na idéia de que, mesmo considerando-se a escola como unidade empírica de investigação, é preciso reconhecer que elementos não escolares penetram, conformam e são criados no interior da instituição e merecem por sua vez, também serem investigados”. Ou seja: a universalização do ensino fundamental para todos, não implica em sucesso e maior democratização do acesso a educação por parte de jovens e adolescentes.



As principais dificuldades da permanência do aluno na escola no ensino fundamental e do ensino médio ainda são: a) o acesso a essa escola; b) a permanência desse aluno na escola; c) a qualidade do ensino empregado na escola; d) por último, a equidade, ou a isonomia do ensino na escola. No texto de Romualdo Portela Oliveira: “Da universalização do ensino fundamental, ao desafio da qualidade, uma análise histórica de 2007”, que debatemos em sala aula. Diagnosticamos que não houve evolução da escola pública com a “universalização da educação” para todos, ao contrario, com a uniformização do ensino, piorou a educação no nosso país. Segundo o texto: no ano de 1975 a 2002, o ensino fundamental passou 19,5 milhões para 33,5 milhões matriculados, um crescimento extraordinário. “Esses números evidenciam que, nessas ultimas décadas, praticamente se se universalizou o atendimento de toda a população de ensino fundamental”. O crescimento foi exponencial de crianças matriculadas no ensino fundamental, e daí?

Partindo desta análise introdutória da massificação do ensino, passamos a analisar o filme, “pro dia ser feliz”, e apontar algumas saídas, em face da triste realidade abstraída.

O filme retrata a dura realidade em que vivem os nossos jovens estudantes, de baixa renda, estejam elas na periferia das grandes cidade, área rural, ou em grandes metrópoles urbanas. Os idealizadores do filme fizeram um mix, dos gargalos que passam o fenômeno da exclusão social, permitindo olhar à escola com outros olhos. A crise de ontem, parece à mesma de hoje. Problemas apontados ontem: “baixos salários, evasão escolar, violência dentro e ao entorno da escola”, continuam nos dias de hoje, parece que nada mudou.

A desesperança de ontem, o medo, a frustração de “ensinar e aprender”, confunde-se com a desmotivação dos professores, que não acreditam mais em saída para a educação. Fica claro que algo sério, uma espécie de “revolução na educação”, tem que ser feito no ensino fundamental e no ensino médio no Brasil. A precarização das instalações físicas e de material pedagógico nas escolas, são desafios que persistem colocando em contradição o papel dos gestores escolares. A pergunta que se faz: Como comprometer mais verbas no orçamento municípios e do estado, para o reparo dos equipamentos escolares, para um mínimo aceitável? Por que não ocorre? É possível acontecer?



Outro questionamento freqüente, e com relação da ausência da participação dos pais, na discussão? “Qual a escola publica que queremos para os nossos filhos”. Apesar da falência do ensino, algumas escolas contam com a participação maciça dos pais, que através do engajamento, doações, mutirões comunitários, resolverem lacunas da escola, independente do apoio do poder publico. Vale citar também o esforço de alguns diretores de escola que mesmo sem condições de funcionamento da unidade, conseguem diminuir a repetência e a evasão escolar, com apoio de pais e alunos. Dessa união agregam-se outras forças políticas, como o comércio e as empresas locais, que contribuem no fomento da produção cultural. Com essa ajuda, alguns diretores organizam: “festivais músicas, blocos afros, festas juninas”, mobilizando o bairro. Os eventos esportivos são outra modalidade que tem muita aceitação por parte os alunos e contribuem para o crescimento da auto-estima.

Quando retratado no filme os alunos da classe média. Percebe-se um maior engajamento dos professores e alunos com o projeto pedagógico da escola. E isto permite vislumbrar o cumprimento de metas a serem alcançadas; a valorização do ensino; e o crescimento de todos: “alunos, pais, professores, e, por conseguinte a família”. Conquistar melhores resultados no ENEM, no IDEB, parece natural, uma consequência do aprendizado. A conquista de uma vaga nas universidades já esta praticamente garantida, como também, a conquista de um bom emprego por causa da boa “qualificação técnica e profissional” adquiridas na escola. Não resta duvida que essa classe emergente, ditara o futuro político do país. Diferente da pobreza que esta reservado na sociedade, funções de menor prestígio hierárquico, com salários de subsistência, vivendo a maioria na informalidade. Dados apresentados pelas estatísticas demonstram que muitas escolas universalizadas, da pobreza, não dispõem de merenda

escolar, banheiro adequado, ou mesmo água potável. Somando-se ainda, o descaso, a baixa remuneração dos professores, a violência cotidiana ao redor da escola e em intramuros.

Viver o ofício de professor deixar de ser prazeroso, uma vocação, para se transformar em um problema psicológico e social. No filme, constatamos a desesperança, a falta de perspectiva na melhoria da educação. O stress do professor, o desinteresse do aluno, cria um abismo no aprendizado. Tanto o professor quanto o aluno perdem com as mazelas dos governantes, que fingem desconhecer o problema da educação.

Parece-me nitidamente que o professor e o aluno, falam linguagens antagônicas e diferentes. O que é falado na escola não está em sintonia com o aluno de periferia, moradores de favelas. A linguagem dos jovens hoje, se dão pelas redes sociais, como facebook e outros mídias sociais.



A linguagem da escola segue o antigo modelo do decoreba, e/ou assuntos que não tem nenhuma vinculação com o seu dia a dia, com o que está em seu entorno. Com isso a escola fica cada vez mais distante, longe de atrair os alunos para assuntos que lhe digam pertinência e interesse. E aí estatísticas não mentem, cada dia que se passa perdemos mais e mais alunos para o tráfico de drogas, para o subemprego, legitimando o assassinato cultural e social. Quando uma jovem se gaba por matar outro adolescente dentro da sala de aula, como vimos no filme, é por que estamos perdidos, doentes. Não se trata de criminalizar a jovem que matou a outra aluna, por motivo fútil, torpe e cruel. Mas o assassinato educacional, cultural em atendimento ao modelo neoliberal ditado por organismos internacionais, como o Banco Mundial e o BIRD.

Chegou-se o momento de repensar tudo isso, mudar nossa página da história. E para isto precisamos colocar a mão na massa, repensar o presente e trabalhar o futuro. Educação de qualidade se faz com a união de país, alunos, gestores e o Governo. Não dá pra prescindir da ajuda e do comprometimento do Governo Federal. País livre e soberano é país que investe na educação de qualidade, e valoriza o professor.

Assista ao vídeo do documentário - Pro Dia Nascer Feliz

<https://www.youtube.com/watch?v=g5W7mfOvqmU>

Reinaldo de Jesus Cunha, aluno: Pós Graduação – Ciências Sociais e Religião da FEUDUC - Docência de Ensino Superior e Comunicação Empresarial da AVM.

Trabalho de Extensão Universitária – Trabalho sobre Sociologia da Educação

Texto: Reinaldo de Jesus Cunha